

**O SOFRIMENTO IMPOSTO A ESTUDANTES POR PARTE DE
PROFESSORES MILITANTES IDEOLÓGICOS POLÍTICOS OS QUAIS
USAM DE VÁRIOS TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA OS ALUNOS**

**THE SUFFERING IMPOSED ON STUDENTS BY MILITAN TEACHERS
WHO USE VARIOUS TYPES OF VIOLENCE AGAINST STUDENTS**

Giovanne Cardoso de Farias¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir as dificuldades enfrentadas por jovens secundaristas e universitários no ambiente escolar pelo simples fato de não concordarem com algumas ideologias impostos nas escolas por determinados grupos militantes no tocante a temas como, sexualidade, aborto, ideologia de gênero, liberação de drogas e política. Estudantes declarados conservadores e cristãos são proibidos de divergir de determinados grupos militantes, inclusive comandados por professores, os quais, teoricamente, deveriam ser imparciais, mas tornam-se perseguidores implacáveis de estudantes que ousam lhes confrontarem nos temas acima citados. A construção deste artigo tem como base algumas entrevistas com jovens estudantes de uma Escola Federal e de uma Universidade Federal sediadas em uma cidade do Agreste Meridional do estado de Pernambuco. Iremos perceber nas entrevistas o sofrimento e o constrangimento aos quais os estudantes são submetidos quase que diariamente por colegas e professores. Estudantes cristãos, espíritas, mulçumanos etc. Não importam de qual religião o aluno seja, não podem sequer expor qualquer que seja a sua opinião contrária aos professores militantes de plantão e aos colegas cooptados pelos professores.

Palavras-chave: Estudantes. Ideologias. Política. Professores.

¹ Mestre em Ciências da educação pela Veni Creator Christian University

Abstract: This article aims to discuss the difficulties faced by young high school and university students in the school environment due to the simple fact that they do not agree with some ideologies imposed in schools by certain militant groups regarding topics such as sexuality, abortion, gender ideology, drug release and politics. Declared conservative and Christian students are prohibited from dissenting from certain militant groups, including those led by teachers, who, theoretically, should be impartial, but become relentless persecutors of students who dare to confront them on the topics mentioned above. The construction of this article is based on some interviews with young students from a Federal School and a Federal University based in a city in the Southern Agreste region of the state of Pernambuco. We will understand in the interviews the suffering and embarrassment to which students are subjected almost daily by classmates and teachers. Christian students, spiritualists, Muslims, etc. No matter what religion the student is, they cannot even express any contrary opinion to the militant teachers on duty and colleagues co-opted by the teachers.

Keywords: Students. Ideologies. Policy. Teachers.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo conturbado onde as opiniões divergentes tendem a ser rechaçadas com muita veemência, seja por indivíduos, seja por grupos militantes em torno de determinado tema. Para isso, todo tipo de violência imaginável e inimaginável são usadas por aqueles que não querem, sob hipótese alguma, serem contraditados. O tema abordado neste artigo reflete bem a quão conturbada vive a sociedade hodierna, as pessoas não se toleram, aqueles que detém a autoridade pelo seu ofício, exacerbam nessa autoridade a ponto de subverter o direito e oprimir aqueles que estão sob as suas ordens, cuidados e responsabilidade, é o caso dos professores opressores e que fomentam a opressão de tal forma que contagiam parte daqueles que estão sob a sua liderança, ou seja, os alunos, tornando-os também opressores dos seus colegas.

O ambiente escolar sempre foi um local onde as ideias se confrontam, onde debates acalorados podem ocorrer, porém, devem ser respeitosos e sempre dentro do tema proposto pelo professor e controlado por este, sempre que perceber que o foco está sendo desviado. No entanto, o que se percebe é que a partir de meados dos anos 90, muitos professores se deixaram contaminar por ideologias político-partidárias a ponto de muitos perderem a nobre condição de mestres do saber e da boa educação imparcial e se transformaram em militantes ideológicos e políticos. Atualmente, dos últimos 10 anos para cá, a militância descontrolada e algumas vezes desordeira por parte de alguns professores tem transformado algumas escolas em verdadeiras arenas de batalhas ideológicas inconsequentes e formadoras de uma geração de estudantes reprimidos, deprimidos e violentos.

São inúmeros os tipos de violência aos quais os estudantes de muitas escolas brasileiras têm sido submetidos pela militância exacerbada por parte de professores militantes irresponsáveis e inconsequentes, não estamos falando de violência física, mas de outros tipos de violência que, talvez, causem muito mais danos permanentes do que a própria violência física, não estamos com isso, propondo uma substituição no tipo de violência, pelo contrário, defendemos a erradicação total de qualquer tipo de violência no ambiente escolar. Estudantes estão sendo golpeados de forma dolorosa e permanente por aqueles que deveriam protegê-los, “sem bater fisicamente no educando, o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudica-lo no processo de sua aprendizagem” (FREIRE, 1996). Sabemos é claro que por outro lado, professores também sofrem violência por parte de determinados alunos violentos, no entanto, a violência contra professores abordaremos em um outro artigo.

As duas escolas federais localizadas no Agreste Meridional do estado de Pernambuco e palco da nossa pesquisa para este artigo, mostram o quanto uma série de tipos de violências são praticadas quase que diariamente por professores militantes de ideologias políticas nefastas que se contrapõem aos costumes da maioria das famílias da Região.

Metodologia

O método aplicado à esta pesquisa foi o mais clássico utilizado na antropologia, o método etnográfico. Esta pesquisa, de cunho qualitativo e de caráter exploratório foi desenvolvida com indivíduos de duas escolas federais na cidade de Garanhuns-PE, em que alguns alunos foram entrevistados pessoalmente com gravações autorizadas em aparelho celular ou por mensagens de voz ou escritas mediante aplicativo WhatsApp. Foram selecionadas pessoas de maior idade, bem como menores, sendo que estes, concederam entrevista autorizados ou acompanhados por pais ou responsáveis. Todos os entrevistados vivenciaram histórias com fulcro no tema deste artigo. As abordagens conceituais tiveram embasamento bibliográfico e de campo. Visando compreender o sofrimento de estudantes das duas escolas pesquisadas com relação ao tema abordado, procuramos assegurar a este trabalho a fidelidade integral das entrevistas concedidas. Não houve necessidade de adentrarmos ao interior das escolas para entrevistarmos os alunos, pois o fizemos nos momentos de saída após o encerramento das aulas, ou em suas residências exatamente para evitarmos a exposição dos entrevistados e possíveis retaliações por parte de professores militantes ideológicos.

A etnografia é uma pesquisa qualitativa, de caráter subjetivo, que prioriza a análise descritiva e interpretativa dos dados, uma vez que, aplicada às Ciências Sociais, principalmente na Antropologia tem como foco o estudo da cultura de um povo e o comportamento de grupos sociais específicos, evidenciando-se os padrões mais perceptíveis das percepções e do comportamento da rotina diária das pessoas. Dessa forma, a coleta de dados se dá através de observações ao longo do período de pesquisa, através de grupos focais e entrevistas. No que se refere à pesquisa de campo, Prodanov e Freitas (2013, p.60) afirmam que a pesquisa de campo:

“(...) parte do levantamento bibliográfico, (...) da determinação das técnicas de coletas de dados mais apropriados à natureza do tema, e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para os registros e análise”. No tocante ao enfoque, a abordagem qualitativa aponta a opção feita para ser aplicada à pesquisa, buscando a fonte direta para a coleta de dados a partir da interação entre o mundo real e o sujeito que não se separa, “(...)”, pois a subjetividade do

sujeito não pode ser traduzida em números. (...). O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de Campo” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.70).

Etnografia: abordagem histórico-epistemológica.

A etnografia é um método de pesquisa utilizado pelas Ciências Humanas e Sociais, que tem seu episteme na Antropologia Cultural e na Antropologia Social. A Antropologia Cultural distingue a etnografia da etnologia, concebendo a primeira como atividade de descrever uma determinada cultura, e a etnologia, como estudo histórico-geográfico de pessoas e culturas que envolve clarificações, comparações e explicações de diferenças culturais (Schwandt,1997). De caráter funcionalista, essas ciências, que surgiram na segunda metade do século XIX, contemplam os costumes e práticas observados pelos antropólogos para explicar a função atual na cultura, imergindo o pesquisador nos contextos e na cultura que estão sendo investigados, incluindo a linguagem e as práticas dos sujeitos pesquisados.

Nessa perspectiva, as pesquisas etnográficas ensaiaram a descrição da cultura, do ponto de vista cultural e a partir do ponto de vista dos sujeitos envolvidos, dicotomizando o paradigma emic (fonêmica) em contraste com o paradigma etic (fonética) que, na atualidade servem para se definir estágios da pesquisa etnográfica que estão mais relacionados ao campo de pesquisa e aqueles que se referem mais à análise e estabelecimento de relações com a literatura e outras fontes de dados (Mainardes, 2009).

Etimologicamente, o termo etnografia origina-se do grego *ethnos* (pessoas) e *graphein* (escrita), levando a diversos conceitos, a partir da construção de diversos sentidos, como se analisa:

“(...) termo [etnografia] como se referindo inicialmente a um método específico ou um conjunto de métodos. Em sua forma mais característica, envolve a participação total ou parcial do etnógrafo na vida cotidiana das pessoas ou do grupo pesquisado por um longo período de tempo, observando as situações, ouvindo o que é dito, fazendo perguntas, enfim, coletando qualquer tipo de

dado que esteja disponível para iluminar as questões do foco da pesquisa (Hammerley; Atkinson, 1995, p. 1).

Tipos de violência praticadas contra alunos das escolas pesquisadas.

Observamos nas entrevistas, que já ocorreram casos de violência física ou verbal nas duas escolas pesquisadas, por parte de determinados alunos, contra colegas e contra professores, ao mesmo tempo que percebemos que esse tipo de violência praticada por esses alunos, ocorreram em decorrência de atos inconsequentes recheados de militância ideológica e política exacerbada por parte de professores que, em algum momento de suas vidas deixaram de exercer a nobre missão do magistério para se transformarem em militantes ideológicos parciais e até imorais. Percebemos que os atos de violência física e verbal por parte de determinados alunos era na verdade, uma espécie de escape, de defesa contra outros tipos de violências a eles impostos por quem deveria ser o apaziguador de qualquer tipo de violência contra os estudantes. Destaca-se aqui, aquele adágio popular “violência, gera violência”, infelizmente.

Entre os vários tipos de violência praticada pelo ser humano contra o seu próximo, destacamos aqui alguns tipos que detectamos ao entrevistarmos os estudantes das duas escolas pesquisadas:

1-) Violência psicológica – Tem como arma principal a manipulação das pessoas por ameaças e palavras que visem assustar as vítimas fragilizando-as emocionalmente. Entendo que a violência psicológica é a mãe dos demais tipos de violência, perceberemos essa verdade com a análise dos depoimentos dos alunos das escolas pesquisadas. Os maléficos resultados da violência psicológica são gravíssimos, muitas vezes até piores do que a violência física. A violência psicológica adoce a alma pela ansiedade, pela depressão; adoce o corpo com palpitações cardíacas, úlceras estomacais, insônia, desequilíbrio hormonal. Tudo isso explica a geração de estudantes da atualidade, os quais refletem sérios desvios de comportamento.

O aluno em sala de aula precisa ser estimulado a aprender as disciplinas que o capacitarão para as competições da vida principalmente no que tange ao mercado de trabalho, e isso,

para que se colham frutos saudáveis é necessário que o ambiente escolar seja livre, desinfetado de toda e qualquer militância ideológica política ou religiosa que tente orientar os estudantes de forma abusiva e opressora. Destacamos aqui o que preconiza Paulo Freire:

O estímulo à participação dos estudantes na escola é extremamente importante para a assimilação do que é ser cidadão e para sentir-se sujeito do processo educacional. A escola cidadã deve partir da necessidade dos alunos defendendo sempre a educação dialógica. (FREIRE, 1996).

Quanto à violência psicológica, a psicóloga Sílvia Vidal diz: “Esta violência é caracterizada por sua sutileza, e os sintomas costumam ser mais mascarados”. Com base nessa afirmação de Sílvia Vidal, percebemos com muita clareza nos depoimentos relatados pelos estudantes que a sutileza surreal usada por professores opressores contra os estudantes é assustadora. Os relatos dos estudantes entrevistados dirão.

Algo impressionante que percebemos ao entrevistar os estudantes é que quase todos perderam a sua essência, ou seja, não têm o mesmo comportamento, não praticam os mesmos hábitos, os mesmos hobbies, claro, pois estão sob constante opressão. Esses estudantes que antes sorriam, eram dinâmicos, falantes, hoje têm medo de se expressar, de dar a sua opinião, até de fazer perguntas em sala de aula sobre o tema estudado, eles vivem como se estivessem em uma prisão. Essa é a sensação que tivemos ao entrevistarmos alguns estudantes das duas escolas federais localizadas no Agreste Meridional do estado de Pernambuco. Sob o constante controle e vigilância de professores militante ideológicos, esses estudantes não podem questionar contrariamente os militantes de plantão sobre temas como aborto, ideologia de gênero, sexualidade, religião, liberação de drogas etc. Ao entrevistarmos os alunos dessas duas escolas federais pesquisadas, mesmo estando na área externa das instituições, percebemos o olhar ameaçador de alguns professores militantes e, para isso tomamos o cuidado para resguardar os estudantes entrevistados, inclusive, alguns deles, entrevistamos em suas residências, principalmente os de menor idade. Tentamos ouvir alguns professores, porém, sem argumentos sólidos sobre aquilo que defendem, nenhum deles se propôs a conversar conosco,

deixando-nos a nítida impressão de que esses mestres militantes ideológicos que oprimem alunos que pensam diferente deles, são incapazes de dialogar ou convencer pessoas que possam estar no mesmo nível ou acima deles intelectualmente sobre as ideias mirabolantes que defendem ou acham que defendem.

2-) Violência patrimonial – Envolve a retenção, destruição ou subtração de bens, documentos pessoais, instrumento de trabalho, recursos econômicos ou valores. Alunos entrevistados nas duas escolas pesquisadas relatam episódios desse tipo de violência como a retenção e destruição de objetos que fazem alusão por exemplo a religiões e ao militarismo como boné, por exemplo. É surreal acreditarmos que coisas assim ocorrem no ambiente escolar, e o pior, praticado por professores.

3-) Violência moral – Envolve crimes previstos no Código Penal como Calúnia, injúria e difamação. Por divergirem de temas como aborto, ideologia de gênero, ideologia política contrários ao que defendem certos professores, alguns alunos são caluniados, difamados e injuriados por professores no mínimo desequilibrados e que, terminam por contaminar uma parte dos alunos que terminam também, se voltando contra os seus colegas já oprimidos. Ou seja, esses professores militantes exacerbados transformam a sala de aula e o ambiente escolar em uma espécie de sala de tortura.

4-) Violência contra si mesmo – é a violência autoprovocada. Por muitas vezes estarem e se sentirem tão oprimidos, discriminados e rejeitados, muitos alunos conservadores dos seus princípios adquiridos no seio familiar, buscam muitas vezes na automutilação uma válvula de escape para as suas angústias. Infelizmente, há casos inclusive, de alunos que já atentaram contra a sua própria vida por não mais suportarem a opressão imprimida sobre eles por parte de professores militantes ideológicos e políticos. Veremos essa triste realidade nos depoimentos à frente.

5-) Violência coletiva – violência praticada por grupos políticos, organizações terroristas ou milícias. Grupos de professores militantes ideológicos cooptam alunos inocentes para formarem os seus grupos e suas “milícias” opressoras para humilhar e tentar destruir princípios e valores adquirido ao longo de uma vida em família por parte de alunos que não comungam com as ideias desses grupos militantes que, infelizmente, agem em algumas escolas como milícias e grupos terroristas. Veremos

essas verdades nos depoimentos à frente.

Os vários tipos de violências praticadas por professores militantes ideológicos nas escolas, acredito que não devam ser analisados pela ótica da Segurança Pública como defendem alguns, inclusive, nas nossas entrevistas nas duas escolas presenciamos familiares de alguns alunos propondo levar os nomes de alguns professores militantes para a Delegacia da Cidade. Acreditamos que essa demanda deva ser resolvida no próprio ambiente escolar como uma questão educacional, onde os professores militantes sejam conscientizados do seu papel como mestres educadores e não como opressores e militantes ideológicos. Destacamos aqui o que diz Márques:

Temas estes, que deixaram de ser analisados restritamente pela perspectiva da Segurança Pública, para serem abordados, finalmente como questões educacionais (MÁRQUES, 2014).

A Violência nas escolas do ponto de vista de alguns autores.

Dentre os tipos de violência praticados dentro do ambiente escolar como já vimos, destaca-se a violência psicológica como a mãe dos demais tipos de violência. Dentro do contexto geral da violência no ambiente escolar, o sociólogo francês Bernard Charlot destaca três tipos de violência: A primeira é a violência na escola, a segunda é a violência contra a escola e a terceira é a violência da escola. Marques e Assunção definem esses três tipos de violência no ambiente escolar destacados por Bernard Charlot:

A violência na escola se produz no e a partir do espaço escolar, mas não está ligada às atividades da instituição escolar; a violência contra a escola se manifesta em forma de agressões ao patrimônio e às autoridades da escola; a violência da escola, consiste em violência institucional, simbólica, manifestada por meio do modo como a escola se organiza, funciona e trata alunos e colaboradores., para serem abordados, finalmente como questões educacionais (MÁRQUES, 2014).

Fazendo uma breve análise sobre os três tipos de violência no ambiente escolar destacadas por Bernard Charlot, concluímos que a explicação que já tratamos neste artigo, quanto às violências praticadas por alunos contra a escola, muitas das vezes, são reflexos das inúmeras violências já sofridas pelos estudantes que, sob hipótese alguma podem refutar ou contraditar professores militantes ideológicos e políticos. Por culpa exclusiva desses maus professores que se desviaram da sua função de educador, os quais muitas vezes não são corrigidos pela direção da escola, mas ao contrário, recebem total apoio, a instituição escolar passa sim, a ser um instrumento de opressão sobre determinados alunos, marginalizando-os e discriminando-os. Quanto a isso, destacamos o que diz Miriam Abramovay:

Tal comportamento compreende práticas de marginalização, discriminação e assujeitamento adotadas por instituições que instrumentalizam estratégias de poder. (ABRAMOVAY, 2002).

No entanto, por mais que a opressão, a marginalização e a discriminação sobre determinados alunos por suas opiniões contrárias aos professores militantes e diretores cúmplices, tenha se enraizado em algumas instituições escolares, há de ser sempre combatido, pelos estudantes, pelos pais e pela sociedade em geral, pois em pleno século 21 é inadmissível qualquer tipo de opressão, discriminação e perseguição a qualquer pessoa pelos pensamentos e ideias que defendem. Destacamos aqui o que diz Foucault: “não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável” (FOUCAULT, 2003).

Diante do cenário assustador que encontramos ao escutarmos as estudantes vítimas de opressão, discriminação e perseguição nas duas escolas federais que pesquisamos, urge a grande necessidade da união de diretores, professores, alunos, pais e sociedade em geral, todos unidos, tentar resolver esse problema. Kappel nos traz um excelente conselho:

Os sujeitos apresentaram suas concepções a partir do papel que ocupam no cenário escolar, sendo observadas, em muitos momentos, limitadas percepções na compreensão do fenômeno em estudo como um todo. Este aspecto

implica a necessidade de ações que busquem a construção e compartilhamento de procedimentos, responsabilização e estratégias de enfrentamento que envolvam todos os atores. Esse compartilhamento, que deve ser construído a partir da potencialização da participação e do diálogo no cenário escolar, é vital para o estabelecimento de medidas efetivas de enfrentamento à violência. (KAPPEL et.al, 2014).

Nessa mesma linha de raciocínio quanto à violência no ambiente escolar, principalmente aquela praticada por professores militantes ideológicos e políticos, destacadas por autores acima citados, trazemos ainda algumas definições de outros autores, principalmente no tocante à violência psicológica, aquela que chamamos de “a mãe dos demais tipos de violência”. Vejamos o que dizem os autores:

Violência psicológica é qualquer ação ou omissão que visa ou causa dano ao desenvolvimento ou autoestima de uma pessoa. (SANTOS, 2008).

A escola é um local onde os alunos são obrigados a conviver todos os dias, obedecendo a regras, normas e horários. (ABRAMOVAY, 2015).

A violência escolar é uma forma de manifestação de uma violência estrutural, e que é necessário que a comunidade vitimada se resista. (MINAYO, 1994).

Vejamos os depoimentos.

M.S.J.S – Adolescente de 17 anos do sexo feminino, estudante do 2º ano do ensino médio da escola federal pesquisada; moradora da mesma cidade onde funciona a escola. Às perguntas, respondeu o seguinte: “Que é evangélica e não queria estudar nessa escola pois escutava muito as pessoas dizerem que lá existem professores que perseguem muito os estudantes evangélicos que não concordam com aborto, com a tal de ideologia de gênero e outras coisas. Mas resolvi estudar lá porque as pessoas falavam também que o ensino nessa escola é muito bom; eu me decepcionei porque o ensino não é tão bom, pelo menos não é tão melhor do que nas escolas normais da cidade. Nós temos um grupo de jovens que a gente se reúne para ler a Bíblia e cantar algumas músicas gospel na hora dos intervalos, pois uma determinada professora tentou por várias vezes nos proibir, sendo que a gente

não estava atrapalhando nada, ela tentou várias vezes conseguir acabar com a nossa reunião, quando viu que sozinha não conseguiria, apelou para a direção da escola que, nos proibiu definitivamente de usar aquela sala para nos reunirmos. Hoje, a gente faz as nossas reuniões no pátio da escola, embaixo das árvores, mas como muito medo de alguns colegas que nos censuram e nos discriminam chamando a gente de fanáticos e nerds. Essa professora que tentou nos proibir e conseguiu através da direção da escola, é a mesma que faz reuniões e obriga os alunos participarem para fazer propaganda a favor do aborto e do movimento LGBT, detalhe, ela nos obriga com ameaças de diminuir a nossa nota nas avaliações da disciplina que leciona; já levamos isso ao conhecimento da direção da escola, mas não adianta. Agora, essa professora faz tudo isso, mas como educadora na disciplina que leciona é péssima, quando qualquer aluno faz alguma pergunta para esclarecer dúvidas ela sempre responde de mal humor e de forma debochada sem resolver a dúvida”

R.M.S.A – Adolescente de 17 anos do sexo feminino, estudante do 3º ano do ensino médio da escola federal pesquisada; moradora da mesma cidade onde funciona a escola. Às perguntas, respondeu o seguinte: “A minha família é espírita e eu também, me relaciono bem com os meus colegas evangélicos, católicos e de outras religiões. De vez em quando a gente se reúne em uma sala desocupada da escola para discutirmos sobre curiosidades da nossa religião. A direção da escola já nos proibiu várias vezes de nos reunirmos alegando que a escola não é igreja, só que eles realizam reuniões para falar sobre o movimento LGBT e quer que todos nós participemos, inclusive nos ameaçam de termos as nossas notas diminuídas. Para nós esses temas como militância LGBT não nos interessa, sabemos que devemos respeitar a todos e respeitamos, até porque, temos amigos e amigas que são lésbicas e gays e que também não gostam dessa militância em torno da sua sexualidade, e esses colegas também, como nós são discriminados e perseguidos por alguns professores e alunos que aderem a esse tipo de militância em prol do movimento feminista e do movimento LGBT. Há alguns meses a direção da escola se reuniu com uns professores e decidiram transformar o banheiro feminino no banheiro da diversidade, colocaram um cartaz na porta do banheiro dizendo que pessoas trans e que se identificassem como mulher poderiam usar o banheiro, isso foi escandaloso, alguns

de nós fomos reclamar, inclusive eu, e fomos ameaçados e chamados de homofóbicos. Muitas de nós deixamos de frequentar o banheiro feminino, até nossas amigas lésbicas acharam isso um absurdo. Aí, apareceu um senhor que fez um vídeo contra esse cartaz e contra a direção da escola e espalhou no WhatsApp e enviou para vários professores aqui da escola, foi um alvoroço, alguns professores disseram que iam processar o homem que fez o vídeo. Depois que esse vídeo foi publicado, três dias após a publicação a direção da escola mandou retirar o cartaz e o banheiro feminino ficou normal. Era muito bom que aparecessem pessoas para fazerem mais gravações aqui dentro da escola principalmente sobre as perseguições que a gente sofre dos professores e professoras que defendem o aborto e que parecem que querem que todos sejam LGBT, sim, tem professor que pensa assim, pelo menos é o que eu entendo. Que Deus ajude a gente”.

J.M.S.S – Jovem de 22 anos do sexo masculino, estudante do 5º período da Universidade pesquisada neste artigo; morador da mesma cidade onde funciona a Universidade. Às perguntas, respondeu o seguinte: “Sou católico e faço parte de um grupo de jovens evangelistas da minha paróquia e por isso sofro muitas perseguições por parte principalmente de duas professoras da Universidade, uma delas é organizadora da parada do orgulho LGBT na cidade, nada contra a parada LGBT, qualquer um faz o quer da sua vida, o fato é que essa professora é terrível, não respeita a religião de ninguém e muito menos as opiniões contrárias a ela, inclusive, quando ela é contrariada na sua militância doida, ela faz o maior barraco e sai ameaçando todo mundo, parece uma louca. Já denunciaram essa professora várias vezes para a reitoria da Universidade, mas nada se faz. Tem um grupo de amigos que por várias vezes já pensaram em dar um susto nessa louca, eu pedi para eles não fazerem isso. Na semana passada essa mesma professora juntamente com um outro professor que pensa e age como ela tomaram um boné de uma aluna de 15 anos e esconderam dizendo que a Universidade não é lugar de fazer propaganda para Bolsonaro, só porque o boné que a menina estava usando tinha a foto do Bolsonaro, parece que esse caso foi denunciado à polícia. Eu acho que as pessoas podem usar boné, sapato, camiseta, o que quiserem e com a imagem de quem quiserem, ninguém tem o direito de proibir, o problema é que a gente tem a impressão que essas proibições e

perseguições só acontecem com quem se declara pelo espectro político de direita, onde vamos parar com tanta insensatez? No ano passado (2023), um grupo de professores e alunos liderados por essa mesma professora que tomou o boné da menina de 15 anos queriam transformar o banheiro feminino no banheiro da diversidade, mas a trágica ideia não foi pra frente porque houve um grande movimento contrário a essa ideia de louco. Por que a Universidade não constrói o terceiro banheiro, o banheiro da diversidade? Estou muito preocupado com o rumo que as coisas estão tomando no Brasil com a loucura desses grupos de militantes radicais que querem destruir a família tradicional.

K.G.R – Jovem de 21 anos do sexo feminino, estudante do 4º período da Universidade Federal pesquisada neste artigo; moradora de uma cidade vizinha à cidade onde funciona a Universidade. Às perguntas respondeu o seguinte: “Fui muito humilhada por duas professoras feministas e arboristas que em uma reunião sobre o tema do aborto, uma delas sabendo que eu sou contra me fez a seguinte pergunta, “Você acha que uma menina de 13 anos que foi estuprada pelo primo e ficou grávida desse estupro deve abortar? Eu respondi categoricamente que não, porém, iria trazer os meus argumentos, fui então interrompida por uma das professoras que já foi me chamando de assassina de uma criança de 13 anos, tentei argumentar, mas elas não deixaram, e a outra professora pediu para que eu saísse da sala pois estaria em um lugar errado. Vejam só quanta falta de argumento dessas professoras feministas e militantes descontroladas, tentam de todas as formas eliminar o contraditório. Desde esse dia que sou mal vista por essas duas professoras e também por alguns alunos. Essa semana duas jovens calouras foram agredidas com palavras e empurrões por um grupo de alunas feministas e dois gays pelo simples fato delas serem evangélicas e terem feito uma crítica simples a algumas imoralidades que acontecem na parada o orgulho LGBT aqui na nossa cidade, resultado, a confusão foi levada ao conhecimento da direção da Universidade que suspendeu por dois dias as duas calouras evangélicas e as agressoras não sofreram nenhuma repreensão sequer. Um absurdo. O que a gente observa na Universidade é um clima de medo e terror quando se pensa em dar uma opinião contrária a temas como o aborto, a ideologia de gênero, as paradas LGBT, à liberação da maconha e outros temas defendidos por grupos militantes dessas ideologias. Que Deus nos ajude”.

R.A.S.J – Adolescente de 16 anos do sexo masculino, estudante do 2º ano do ensino médio da escola federal pesquisada; morador da mesma cidade onde funciona a escola. Às perguntas, respondeu o seguinte: “Olhe, por favor não identifique a gente, pelo menos eu, tenho muito medo de ser reprovada porque não concordo com algumas coisas sobre a liberação da maconha e sobre o aborto. Eu sou cristã e acredito na vida e sei que somente Deus pode tirar a vida; eita se aquela professora ali me ouviu falando isso estou perdida (se referindo a uma professora que ia passando no momento da entrevista e que defende a liberação das drogas e o aborto). Essa professora não pode ver a gente falar contra esses assuntos de jeito nenhum. Eu estou pensando em sair da escola para outra, acho que no início de 2025 vou pedir transferência, aqui a coisa é muito séria, a gente que é cristão praticante vive assustado, como medo de tudo, já falei com os meus pais a respeito disso e meu pai disse que ia no Ministério Público Federal fazer uma denúncia e iria também denunciar nas redes sociais. Não quero mais falar”. Declarou R.A.S.J muito assustada e tremendo de medo.

K.L.G – Adolescente de 15 anos do sexo masculino, estudante do 2º ano do ensino médio da escola federal pesquisada; morador da mesma cidade onde funciona a escola. Às perguntas, respondeu o seguinte: “Olhe, eu já falei com a minha mãe e disse a ela que não estou mais aguentando estudar aqui, tem alguns professores que gostam muito de humilhar a gente só porque somos evangélicos, sendo que a gente, a minha turma de cinco meninas, a gente se dá muito bem com todo mundo, eu não consigo entender porque essa perseguição. Teve um dia em uma aula de uma certa professora que ela deixou o assunto de lado para falar sobre o atual presidente da República e a esposa dele a Janja, mas a professora elogiava tanto o casal, nada a ver com a aula, se não bastasse, ela olhou para uma das minhas amigas que também é evangélica e perguntou: ‘o que você acha da nossa primeira dama chiquíssima?’ A minha amiga respondeu: ‘eu não acho a Janja chique, eu acho ela muito vulgar’, mas porque ela disse isso, pois a professora se manifestou de um jeito que a gente pensou que ela estava possuída por alguma coisa estranha. Desse dia em diante, essa professora perseguiu tanto a minha amiga que ela tentou se matar. Esse caso foi até para a Promotoria da cidade e para o Conselho Tutelar, mas até agora a professora não sofreu nada. Tenho muito mais para falar, mas é melhor ficar por aqui

viu”

C.M.A – Adolescente de 16 anos do sexo feminino, estudante do 3º ano do ensino médio da escola federal pesquisada; moradora de uma cidade vizinha da cidade onde funciona a escola. Às perguntas, respondeu o seguinte: “Em 2023 fui difamada por três professoras e um grupo de alunos que promovem as reuniões LGBT na escola, eu fui convidada para participar da primeira reunião no mês de maio e então disse que não iria porque sou evangélica e acredito no que a Bíblia ensina sobre o tema, mas prá que eu falei isso. No outro dia o meu nome estava correndo a escola e as pessoas dizendo que eu era homofóbica. Por causa disso, passei quase dois meses depressiva, adoeci e quase que meus pais me tiraram da escola. Esse problema está sendo investigado pela Promotoria de Justiça da minha cidade, acho que está, é o que dizem, porque eu nem procurei saber mais. O fato é que, depois que eu retornei às aulas, ninguém mais tocou no assunto e também não me hostilizaram mais, é como se nada tivesse acontecido e uma das professoras envolvidas pediu transferência para outro Estado. Eu gostaria de falar muito mais, mas tá bom por aqui, vou deixar para os outros colegas agora”.

J.C.S.A – Jovem de 23 anos do sexo feminino, estudante do 7º período da Universidade pesquisada neste artigo; moradora de uma cidade vizinha à cidade onde funciona a Universidade. Às perguntas, respondeu o seguinte: “Sou evangélica e desde que cheguei na Universidade sou questionada sobre temas como, movimento LGB e liberação das drogas. Eu percebo que alguns professores em sala de aula me fazem perguntas com relação a esses temas apenas para me provocarem e me exporem ao ridículo, pois eles já sabem qual é a minha opinião e o meu posicionamento com relação a esses assuntos, porém, não discrimino ninguém pelas suas opiniões, pelo contrário, eu é que sou constantemente hostilizada e discriminada. Na Universidade tenho amigos homossexuais e amigas lésbicas, mas nenhum deles vivem envolvidos nessa militância desrespeitosa e sem necessidade, pelo contrário, eles repudiam e por isso são chamados de traidores da causa e homofóbicos, são amigos que vivem a sua sexualidade da forma que querem sem para isso, precisar hostilizar as pessoas e muito menos querer aparecer para os outros mostrando a sua opção sexual. Com isso eu entendo

que o problema não está nos homossexuais ou nas lésbicas como pessoas, mas em um movimento ideológico militante exacerbado e que não respeita ninguém. A gente observa esses desrespeitos quando acontece a parada do orgulho LGBT na cidade, em que muitas pessoas praticam em via pública atos execráveis de imoralidade, inclusive contra símbolos religiosos, principalmente contra a religião cristã. O interessante de tudo isso é que muitos homossexuais e lésbicas que eu conheço, repudiam essa militância imoral por parte de professores e alunos da Universidade. Em outra oportunidade terei muito mais o que falar.

M.M.A.S – Jovem de 20 anos do sexo feminino, estudante do 4º período da Universidade pesquisada neste artigo; moradora de uma cidade vizinha à cidade onde funciona a Universidade. Às perguntas, respondeu o seguinte: “Primeiro quero dizer que não me identifico com nenhuma religião, apenas acredito em Deus. Sou de vez em quando questionada por determinados professores, principalmente por um professor que, segundo ele, faz uso recreativo da maconha e é um defensor ativo da liberação das drogas na Universidade. Essa semana esse professor me indagou mais uma vez como anteriormente com a mesma pergunta: ‘como é que você diz que não tem religião mas acredita em Deus, como pode isso?’ Aí eu respondi, professor, eu acredito em Deus porque creio que as maravilha que nós vemos diante dos nossos olhos não poderiam existir se não existisse um ser maior por trás de tudo isso, e acredito que esse ser é Deus, o qual algumas religiões afirmam, por exemplo a evangélica, pois sou de uma família evangélica, disse a ele. Desse dia em diante esse professor passou a me tratar com indiferença e aí, não sei se foi pelo fato de eu dizer que creio em Deus, mas não sou religiosa ou pelo fato de dizer que sou de uma família de evangélicos. Situação semelhante vem ocorrendo comigo com relação a duas professoras pró movimento LGBT, elas dizem que eu nem sou carne e nem sou peixe e de vez em quando me chamam de homofóbica pelo simples fato de eu não querer participar das reuniões que elas realizam para promover a comunidade LBBT. Não entendo o porquê de tanta discriminação por parte desses professores, sendo que a gente percebe que vários colegas que são gays não concordam com elas, pelo contrário rejeitam o comportamento dessas professoras. E ainda posso afirmar, isso não acontece somente comigo, vários colegas se queixam desses professores que

querem a todo custo que as pessoas aceitem as suas ideologias. Um fato interessante que eu percebo, é que todos esses professores que defendem essas pautas contra a religião e os costumes, são péssimos professores, todos eles, sem exceção. Muito obrigado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode negar a complexidade do tema aqui tratado. A violência no ambiente escolar contra estudantes que não concordam com as ideologias defendidas por determinados professores vem a cada ano aumentando assustadoramente pelo Brasil afora, principalmente quando se trata de opiniões com fulcro em ideologias políticas ou religiosas, principalmente ainda, quando essas ideologias abordam temas como costumes e família. Acreditamos que não se pode mais admitir que professores ou alunos, mesmo tendo as suas opiniões sobre esses temas, os tragam para a sala de aula como se estivessem defendendo uma tese, a ponto até de fugirem completamente do objetivo principal da aula que é transmitir o conhecimento da disciplina proposta na grade curricular. Exatamente por isso que a sociedade deve encarar o tema com muita empatia, respeito e dignidade à pessoa humana.

Pelos depoimentos aqui expostos, pode-se chegar à conclusão, a partir do ponto de vista dos alunos que se sentem tolhidos no seu direito de questionamentos que um dos pontos mais nefrágicos dessa contenda entre professores e alunos, e aqui, é importante mais uma vez destacar que esse é o ponto de vista dos estudantes entrevistados, que essa contenda provocada por professores militantes ideológicos ocorre principalmente quando se trata de estudantes que se declaram religiosos, com destaque para o seguimento cristão nas suas duas vertentes, católico/evangélico.

O bom professor precisa voltar à condição de um mestre imparcial e, principalmente quando se trata de ideologias, porém, quando indagado pelo aluno, o professor deve estar capacitado para dirimir dúvidas, porém sem paixões ou parcialidade. É importante também os professores terem em mente, de que a maioria absoluta da população brasileira quanto a religião se identificam como cristãos, segundo o IBGE, os cristãos no Brasil são 87% da população entre católicos e evangélicos,

ou seja, pautas ideológicas, políticas e de costumes como liberação das drogas, ideologia de gênero, aborto e outras, tendem a ser rechaçadas por esse público cristão. Há muito o que se refletir e corrigir para termos um ambiente escolar salutar e voltado para o que de fato foi proposto. Senhores professores, sala de aula não é o ambiente adequado para conflitos ideológicos, tenhamos discernimento para sermos de fato mestres honrados, respeitados e imitados pelos alunos.

Com base no que expomos e analisamos neste artigo podemos concluir que, ou defendendo um lado ou outro, ou ficando no meio termo, uma coisa é certa, tanto a sociedade brasileira como suas autoridades e instituições, precisam amadurecer e estar atentos no que está acontecendo dentro das salas de aula de muitas instituições de ensino pelo Brasil afora, até porque, o exemplo das escolas aqui pesquisadas é apenas o reflexo do que ocorre em todo o Território Nacional.

Por fim, em um outro artigo discutiremos o tema aqui tratado do ponto de vista dos professores, os quais, assim como os estudantes aqui entrevistados, terão também a oportunidade de apresentar os seus questionamentos.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, A.M *linha de chegada e algumas considerações*. 2008

ABRAMOVAY, Miriam. *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: Unesco; Observatório de Violências nas escolas. MEC, 2005.

ABRAMOVAY, M; RUA, M. G.. *Violência nas Escolas*. Brasília, UNESCO, 2002.

FOUCAULT, M.. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

KAPPEL, V. B. et al.. *Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes*

atores. Interface, Botucatu, v. 18, n. 51, p. 723-735, dez. 2014.

MINAYO, M.C de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro, HBUCITEC-ABRASCO, 1992.

MÁRQUES, F.T.. A Violência que convém perceber: normalização e produção social da identidade e da diferença na escola. In: CALÇADO, G.; GUTIER, M. S. (Orgs.). Uma visão transdisciplinar do cotidiano: ciências sociais e direito. Uberaba, MG: W/s Editora, 2014

CHARLOT B. A violência na escola: Como os sociólogos franceses abordam essa questão. 2002.

MÁRQUES, F.T.; ASSUNCAO, F.O.F.. Formas do Indizível: percepções infantis sobre violências no cotidiano escolar. Cadernos da FUCAMP, v. 13, p. 45-61, 2014.

HAMMERSLEY, M. (1995) The politics of social research (London, Sage).

PRODANOV E FREIRAS. Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Científico. 2013.